



**A CATEGORIZAÇÃO EM PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DE UM
AFRICANISMO DO PORTUGUÊS DO BRASIL:
O ITEM LÉXICO XERECA**
**THE CATEGORIZATION OF AN AFRICANISM IN BRAZILIAN
PORTUGUESE FROM A SOCIOCOGNITIVE PERSPECTIVE:
THE LEXICAL ITEM XERECA**

Aurelina Ariadne Domingues Almeida¹

RESUMO

Apresentam-se resultados de uma pesquisa empreendida que objetivou compreender a variação categorial do item léxico *xereca* no português do Brasil. O estudo norteou-se por pressupostos da Linguística Cognitiva, de sorte que travou diálogos com autores como Salomão (2011; 1997), Lakoff (1987), Rosch (1978), Silva (2015; 2010), além de pressupostos teóricos da Teoria da complexidade, apresentados por Morin (1999) e Capra (2006). No tocante ao seu desenho metodológico, foi desenvolvido através da abordagem qualitativa do corpus, formado por textos postados na internet; teve natureza exploratória, descritiva e interpretativa e buscou compreender as ocorrências no contexto de uso. Concluído o trabalho, constatou-se que esse item do léxico pode ser inserido pelo conceptualizador em diferentes categorias e seu grau de prototipicidade depende de quem o usa e de onde o usa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Categorização. Variação. Palavrão. Xereca.

ABSTRACT

The current article presents the results of a research that aims to comprehend the categorical variation of the lexical item “xereca” in Brazilian Portuguese. The study was guided by assumptions from Cognitive Linguistics, in such a way that it dialogues with authors like Salomão (2011; 1997), Lakoff (1987), Rosch (1978), Silva (2015; 2010), in addition to theoretical assumptions of the Theory of complexity, presented by Morin (1999) and Capra (2006). Regarding its methodological design, the study was developed through a qualitative approach to the corpus, constructed by texts posted in the internet; it had an exploratory, descriptive and interpretative nature and sought to understand the occurrences in its context of use. After the research was completed, it was observed that this word can be inserted by the conceptualizer in different categories and its degree of prototypicality depends on who uses it and where it is used from.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics. Categorization. Variation. Bad word. “Xereca”.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora associada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA), atuando na sua Graduação em Letras e no seu Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC). Coordena o Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESCOG), associado ao Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). E-mail: ada.domingues@gmail.com



Palavras iniciais

Os chamados africanismos, embora tenham chegado a terras brasileiras, em geral, em tempos de escravidão, ainda, são, no plano da Linguística, parcamente estudados, apesar dos esforços de pesquisadores como Castro (2005; 1995; 1983), Peter (2008) e outros.

Entre os estudos já realizados, no âmbito da lexicografia, ao tratar do léxico português como um todo, procedeu-se a um trabalho de sistematização de saberes acerca dessa parte do léxico do português. A consulta a verbetes destinados a africanismos, em diferentes dicionários, revela a existência de restrições no tocante a seus usos, o que reflete o fato de esses não encontrarem sempre chancela na oralidade mais formal nem respaldo no uso da escrita de prestígio.

As mencionadas restrições ocorrem - mas não somente - com os africanismos da categoria *sexualidade*, com clara exceção do item léxico *bunda* que conseguiu, em geral, propagar-se em face de variadas direções de uso e tomou, inclusive, espaço dos latinos *cu* e *rabo*, os quais passaram a ser recategorizados, no português do Brasil, como *palavrões*, conforme demonstra Almeida (no prelo).

Como membros da ampla categoria *sexualidade*, itens léxicos que referenciam os órgãos sexuais/genitais humanos sejam masculinos, como *binga*, *chibata*, *manjuba*, ou femininos, como *tabaca*, *xibiu*, e *xoxota*, são categorizados pelos falantes-escreventes-conceptualizadores como *informais* e/ou *chulos*, e/ou *pejorativos*, e/ou *imorais* etc., podendo, inclusive, ser compreendidos como membros da categoria mais geral dos *palavrões* ou ser entendidos como elementos pertencentes a mais de uma categoria entre as que aqui foram anteriormente elencadas e a outras mais gerais, como *partes do corpo humano*.

Em face do exposto, considerou-se a necessidade de refletir sobre como são categorizados esses itens no Brasil, espaço em que emergiu uma língua - chamada de português do Brasil ou português brasileiro - constituída, inicialmente, através dos contatos entre os escravizadores e os escravizados africanos, além dos indígenas (ora não destacados), tendo essa língua emergido das (re)conceptualizações e (re)categorizações das experiências vivenciadas por esses diferentes povos em solo americano e, também, das conceptualizações e categorizações daqueles já nascidos do lado de cá do Atlântico, de modo tal que, das inter-relações de uma complexa rede de redes ântropo-bio-psico-geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológica, surgiram novas realizações languageiras na chamada América, advindas do princípio ordem-desordem-organização, conforme anuncia Morin (2009 [1999]).

Por serem diversas as questões a serem discutidas acerca do objeto de estudo em destaque, neste artigo, serão expostas tão somente considerações atinentes ao item léxico *xereca*; assim sendo, este texto tem por objetivo apresentar resultados de um trabalho empreendido acerca da categorização desse item léxico, tendo sido o estudo realizado a partir das concepções teóricas do sociocognitivismo, considerando autores como Salomão (1997, 2010), Silva (2015;

2010; 2009), da Teoria da Complexidade ou Teoria Sistêmica, atentando-se para as discussões feitas por pensadores como Capra (2006 [1996]); Capra e Luise (2014); Varela e Maturana (2001[1984]) e Morin (2009 [1999]), e ainda traçando breves diálogos com estudiosos de outras áreas da própria Linguística, como Marcuschi (2007), e de outros campos do saber como Foucault (2017).

O estudo realizado possui cariz qualitativo, descritivo, exploratório, interpretativo e documental. Para alcançar o objetivo de expor os resultados parciais alcançados com a sua realização, este texto encontra-se estruturado da seguinte forma: 2) Aportes teóricos: a categorização: 2.1) A categorização em perspectiva ecológica; 3) Dos usos: 3.1) Das descrições e prescrições: o registro em dicionários; 3.2) Dos usos de itens léxicos da categoria órgão sexual-genital feminino; 3.3) Dos usos do item léxico *xereca* na imprensa; 3.4) Dos usos na imprensa e de usos em esferas oficiais; 3.5) Dos usos nas redes sociais e 3.6) O que escreventes-conceitualizadores-categorizadores sabem sobre o item léxico *xereca*: diálogos entre internautas e 4) Outros usos: novas perspetivações, além das considerações finais e das referências.

2. Aportes teóricos: a categorização

No âmbito da Linguística Cognitiva, considera-se que a linguagem é essencialmente significado, e que, através do seu uso, o mundo é “traduzido” em categorias, pois, conforme destaca Rosch (1999), sem a categorização, função primária da vida, não seria possível aprender a partir da experiência. Além disso, pode-se afirmar que as categorias não são discretas, nem têm limites determinados, nem homogeneidade; por isso, seus membros podem ser mais ou menos representativos. Compreende-se ainda que sendo seus limites difusos, os elementos de uma categoria estão em contato e sobreposição com os de outras categorias adjacentes. Ademais, em uma dada organização categorial, o nível básico possui proeminência conceptual em relação aos demais, quer sejam mais gerais, quer sejam mais específicos.

No âmbito da semântica dos protótipos, postula-se que o significado é organizado em categorias em que haveria membros mais prototípicos do que outros, sendo uns mais centrais e outros mais periféricos; os elementos de uma categoria teriam distintos graus de representatividade ou saliência, juntando-se por semelhanças de família ou similaridades parciais (SILVA, 2015).

As categorias não seriam delimitadas por traços fixos, devido à própria natureza do significado que, por sua parte, seria: 1) perspectivista, logo, subjetiva, 2) dinâmica, flexível e mutante, sendo, por isso, as categorias uma interpretação humana do mundo que lhe circunda; 3) enciclopédica, de sorte que as categorias dependem das experiências da espécie humana no plano do sensorial e identitário e 4) baseada no uso e na experiência, de tal modo que uma categoria só poderia ser compreendida através de exemplos autênticos que circulem socialmente.

As características da prototipicidade atrelam-se à variação semântica. As categorias não têm limites claros, de modo que os elementos de uma categoria podem sobrepor-se, como aqui já observado. A não homogeneidade implica, no plano onomasiológico, que as diferentes expressões se interconectem a um mesmo conceito, podendo apresentar diferentes graus de proeminência, interpretada de acordo com sua frequência. Conforme destaca Pizarro Pedraza (2014, p. 48):

O significado [...] siempre se construye desde una perspectiva concreta. En Lingüística Cognitiva, se refieren a este fenómeno como estructuración y lo definen como la relación entre el hablante y la situación que conceptualiza. En el estudio de la variación onomasiológica [...] En primer lugar, en el eje vertical, el hablante puede expresar determinado concepto con distintos grados de especificidad o esquematicidad: un mismo contenido conceptual se puede estructurar de manera distinta por medio de distintas estrategias de estructuración conceptual. [...]. Este debe entenderse como el nivel de concreción según el que se organizan las categorías internamente, por lo que está relacionado con el concepto de taxonomía y con la teoría del nivel básico [...]. Además, el hablante también puede expresar un concepto dado mediante un área conceptual distinta (eje horizontal), a partir de otros dominios de la realidad. Cuando esto sucede, se establecen relaciones semánticas entre la categoría meta (la del referente; del inglés, target) y la categoría origen (mediante la que se expresa el referente; del inglés, source), de entre las que destacan las metafóricas y metonímicas, por su relevancia en esta disciplina.

Como destaca Pizarro Pedraza (2014), um dos princípios básicos da Linguística Cognitiva é o de que a metáfora conceptual responde à relação conceptual que os humanos estabelecem entre duas categorias diversas, dois domínios da experiência distintos, o alvo que se conceptualiza a partir de outra categoria, a origem, sendo a metáfora conceptual manifesta na linguagem por meio de expressões metafóricas quer sejam verbais, quer imagéticas ou verbo-imagéticas, entre outras possibilidades de materialização. Também, a metonímia conceptual serve para conceptualizar realidades com auxílio das categorias com as quais se relacionam alvo e fonte. A metonímia se estabeleceria em um mesmo domínio, ainda que estudiosos considerem que a noção de domínio seja inadequada, pois os limites entre uns e outros são difusos e subjetivos, além de que a própria metonímia nem sempre se manifesta dentro de um mesmo domínio, por isso, há quem prefira retomar a classificação segundo padrões metonímicos gerais baseados em relações de contiguidade (PIZARRO PEDRAZA, 2014).

No plano da seleção onomasiológica, as preferências dos conceptualizadores-categorizadores no discurso não são aleatórias e revelam padrões de uso relacionados a aspectos nem sempre linguísticos, mas contextuais, sociais e culturais (GEERAERTS et al., 1994). Por isso, considerou-se, no seio da Linguística Cognitiva, como demonstrou Silva (2009) e Salomão (1997, 2010), entre outros, a premência em unir a perspectiva social aos estudos cognitivistas elaborando a abordagem interdisciplinar denominada sociocognitivismo, aqui posta em destaque.

2.1 A categorização em perspectiva ecológica

A perspectiva do fenômeno da categorização adotada por Rosch (1978) foi considerada uma ruptura em relação à tratamento tradicional do fenômeno pautado em condições necessárias e suficientes. Apesar dos ganhos significativos da sua proposta inicial, essa abordagem tem conhecido críticas por se achar distanciada das práticas discursivas. Sobre essa questão, Marcuschi (2007, p. 135) afirma: “no geral, os autores, desde Aristóteles, passando por Eleanor Rosch, John Lakoff, Mark Johnson e outros sempre trataram as categorias como formas de *representação do mundo* [...]”. Atualmente, sabe-se que as abordagens sociointeracionistas, como a de Mondada (2000; 1997), têm se destacado, assim como as reformulações feitas a partir da proposta de Rosch (1978), como os estudos desenvolvidos por Lakoff (1987) e outros.

Em face das distintas preocupações postas por diferentes pensadores no âmbito da compreensão do fenômeno da categorização, pergunta-se: se a categorização é uma tarefa essencial para existência humana, como esse fenômeno ocorre sendo parte de uma ecologia que envolve, entre outras dimensões da vida, os espaços interacional e discursivo dos falantes-escreventes?

Para elaborar uma primeira reflexão acerca da questão antes posta, pode-se recorrer a Silva (2015, p. 203), quando retoma dois atuais conceitos no âmbito das ciências cognitivas:

[...] o [conceito] mais antigo e popular de corporização (embodiment) ou bases corpóreas e sensório-motoras da mente, da cognição e da linguagem e o mais recente de situacionalidade sociocultural (sociocultural situatedness) ou modos pelos quais mentes individuais e processos cognitivos são configurados por interações sociais e culturais. Nesta perspectiva, a cognição é situada, já que a atividade cognitiva tem sempre lugar em um contexto sociocultural; é distribuída, pela repartição do esforço cognitivo entre dois ou mais indivíduos e entre eles e os seus instrumentos cognitivos; e é sinérgica, como atividade de colaboração entre indivíduos, cujos mecanismos são a imitação e os recentemente descobertos “neurónios espelho”.

Além de Silva (2015), pode-se também relembrar Marcuschi (2007, p. 136), ao ponderar que: “[...] a produção de categorias seria uma atividade sócio-cognitiva situada em contextos culturais específicos na tentativa de construir o conhecimento”. Ainda nesse sentido, o autor assegura: “conhecer não é um ato de identificação de algo discreto existente no mundo e mediado pela linguagem: conhecer é uma atividade sócio-cognitiva produzida na atividade inter-subjetiva [...]” (MARCUSCHI, 2007, p. 139).

E ainda para pensar sobre a categorização em perspectiva ecológica, pode-se buscar amparo no pensamento de Maturana e de Varela (2001 [1984], p. 28) que sobre o ato de conhecer observam: “[...] quando examinamos mais de perto como chegamos a conhecer esse mundo, descobriremos sempre que não podemos separar nossa história das ações - biológicas e sociais - a partir das quais ele aparece para nós”. E ainda ressaltam que: “[...] não se pode

tomar o fenômeno do conhecer como se houvesse “fatos” ou objetos lá fora, que alguém capta e introduz na cabeça” (MATURANA; VARELA, 2001 [1984], p. 31). Finalmente, esses dois pensadores apresentam dois aforismos fundamentais em relação à compreensão do conhecer: **“todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer”** e **“tudo o que é dito é dito por alguém”** (Grifos dos autores, MATURANA; VARELA, 2001 [1984], p. 32).

Há, então, **o ser humano que age para conhecer o mundo e conhecendo faz o mundo para o próprio ser humano**, logo, o conhecer e o organizar o conhecimento é um ato situado ecologicamente na biologia e no espaço social da humanidade. Em face dessa observação, para tratar da visão ecológica da categorização, recorre-se ao pensamento de Capra (2006 [1996] p. 25), quando trata da visão sistêmica da ciência:

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo “ecológica” for empregado num sentido mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos).

Afinal, somos parte desse processo, porque somos, também, natureza.

Ao refletir sobre as considerações dos diferentes autores aqui colocados em pauta e considerando o fenômeno da categorização, indaga-se: como um conceito da categoria sexualidade - portanto parte de uma categoria que normalmente sofre tabuísmo - e atualizado no português do Brasil por um item léxico advindo de uma língua de um povo escravizado, é categorizado na ecologia contemporânea, entendendo ecologia tal como proposta por Capra (2006 [1996])?. Para procurar compreender a questão antes elaborada, parte-se para a apresentação do estudo dos usos do item léxico *xereca* na sociedade brasileira contemporânea, tendo escolhido o contexto *on-line*, a partir de usos identificados por meio do *Google*, por considerar que se poderia ter acesso a usos autênticos que, de fato, circulam socialmente.

3. Dos usos

Antes de discutir sobre os usos feitos *on-line*, desenvolveu-se uma breve reflexão acerca da descrição e da prescrição feita sobre o item léxico em dicionários que circulam na sociedade brasileira, nomeadamente, consultou-se o verbete para a entrada *xereca* de três obras lexicográficas contemporâneas, a saber: Houaiss (2017), Aulete (2017) e Michäelis (2017). A seguir, tecem-se algumas considerações a propósito dos verbetes consultados.

3.1 Das descrições e prescrições: o registro em dicionários

O dicionário Houaiss (2017) define o item léxico *xereca* como “genitália externa feminina; vulva”, e, seguindo Castro, aponta o quicg. (*kileka*), como sua origem etimológica, informando, ademais, por meio da marcas de uso *B.* e *tab.*, que, de um lado, se trata de um brasileirismo, isto é, “[...] palavra ou locução (dialetismo vocabular) [...] privativa do português do Brasil” (HOUAISS, 2017) e, de outro, informa que o item léxico é visto socialmente como um tabuísmo, portanto como sendo uma “palavra, locução ou acepção tabus, consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos”. Ainda conforme essa obra lexicográfica, esses itens do léxico “são os chamados palavrões e afins, e referem-se ger., [...] aos órgãos e funções sexuais [...]” (HOUAISS, 2017).

A definição apresentada pelo dicionário Aulete (2017), para o item *xereca*, é próxima àquela encontrada no Houaiss (2017): “A genitália feminina; VULVA”; no verbete dessa obra, não se oferece propriamente uma origem etimológica, uma vez que compreende ser o seu étimo obscuro. E também, como o Houaiss (2017), remete-o para a categoria dos tabuísmos², oferecendo, ademais, a marca de uso *joc.*, logo, compreendendo-o como sendo algo que “[...] 2. que faz rir, que provoca o riso; ENGRAÇADO” (AULETE, 2017).

Já o dicionário Michaëlis (2017) define-o por meio do sinônimo “vulva” (“conjunto dos órgãos sexuais externos femininos, situados na abertura que leva à vagina” MICHAËLIS, 2017) e marca-o como sendo um uso *vulg.*, como fizeram os outros dois dicionários antes citados, portanto, compreende-o como algo “1 Relativo ou pertencente ao vulgo, à plebe; popular [...] 3 que revela ser de qualidade inferior; baixo, grosseiro”, quanto à sua etimologia, informa tratar-se de um “voc. expr.”.

No que concerne à origem, apenas, o Houaiss (2017) entende-o como um africanismo; quanto à categoria, os dicionários, em suas definições, colocam-no na esfera dos órgãos genitais, com exceção do Michêles que o entende como membro da categoria órgão sexual³. Da consulta empreendida aos dicionários, concluiu-se que o item, ao menos em tese, faz-se ausente na variedade do português de Portugal, que é compreendido como membro da categoria tabuísmo, logo, como uma palavra com um uso restrito, censurada por pudor ou por crença, sendo ainda vista como popular e jocosa.

2 O Aulete (2017) não possui uma entrada para tabuísmo; em *tabu*, localiza-se a seguinte acepção “[...] 2. Que é proibido: *Sexo já foi assunto tabu*. 3. Que não pode ser feito ou pronunciado por ferir o pudor, a moral, os costumes.»

3 No Aulete (2017), o sinônimo *vulva* é definido como: “Conjunto dos órgãos sexuais externos femininos, situados na abertura que leva à vagina”.

3.2 Dos usos de itens léxicos da categoria órgão sexual-genital feminino

Gregório Duvivier (2017)⁴, no texto *Sobre o vasto léxico referente aos órgãos reprodutores e suas nuances*, assegura:

Talvez, por machismo linguístico, não haja palavra que vá passar despercebida quando o assunto é o órgão sexual feminino. A palavra “vagina”: é prima do pênis; tem cheiro de álcool-gel. Soa mal, lembrando um cruzamento das palavras “faxina” e “varginha”. Seus equivalentes mais ingênuos são infantis demais. Enquanto a palavra “perereca” remete às partes impúberes, a palavra “xoxota” tem conotação cômica, talvez pela repetição, raríssima no português, da letra x. Na cama pode causar gargalhada. Já a palavra buceta pode dar um susto nas almas mais pudicas. Tive dificuldade até em escrevê-la aqui. Talvez seja o caso de desmistificá-la. Ou de inventar uma nova. Em Portugal há a cona. Talvez seja o caso de importá-la. Enfim, precisamos falar sobre isso.

No texto de Duvivier (2017), o item léxico *xereca* não é mencionado, mas, por meio desse texto, toma-se conhecimento acerca das conceptualizações do órgão sexual-genital da mulher. Para ele, não haveria, na sociedade brasileira, palavra que passasse incólume para referenciar esse órgão e conclui que se faz premente tratar dos usos das palavras da sexualidade feminina. Disto, fica uma indagação, entre outras tantas possíveis: por que Duvivier não teria citado o item *xereca*? Como esse item léxico seria compreendido pela sociedade brasileira? Seria visto como uma palavra que carrega o odor dos consultórios médicos? Lembraria coisas ruins? Seria entendido como infantil? Cômico? Assustador? Seria mesmo uma palavra tabu? Jocosos? Vulgar, como prescrevem por meio das marcas de uso os dicionários? Seria mesmo uma palavra ultrajante, por isso evitada? Ou simplesmente foi esquecida por não ser corriqueira? Ou por não fazer parte dos conhecimentos do autor do texto?

Enfim, não há como responder aqui as questões antes suscitadas, mas, com a leitura deste texto, pôde-se refletir sobre o fato de as pessoas terem crenças e refletirem estereótipos sociais acerca da sexualidade da mulher. Ainda sobre o texto, saliente-se, por um lado, tratar-se de uma escrita masculina, o que não deve ter passado ileso no momento da sua elaboração e o fato de ter sido publicado em um jornal de grande circulação nacional, ligado a um grupo de poder embrenhado em uma dada teia ideológico-social. Observe-se, por outro lado, que, independentemente de quem seja a pessoa produtora do texto e o seu veículo de circulação, a perspectivação dos elementos da categoria *sexualidade* é “tensionada”, de tal modo que diferentes sentidos sociais são elaborados e misturam-se em rede onomasiológica amplamente produtiva, com *tabuísmos*, registros *informais*, *familiares*, *chulos* etc. Isto mostra que a categorização linguística se acha inter-relacionada à categorização de uma cognição social, formando um complexo, isto é, um tecido junto, conforme pensa os teóricos da complexidade,

4 Agradeço à Professora Doutora Sandra Cavalcante (PUC-MINAS) o acesso ao texto de Duvivier (2017).

a exemplo de Morin (1999).

Ao ficar constatado que Duvivier (2017) não menciona esse item, em seu texto, procedeu-se a mais uma indagação: haveria registro do seu uso no domínio discursivo da imprensa? Afinal, seria esse um *palavrão* que sofreria restrições de uso em diferentes esferas sociais? Ou haveria a liberdade para usá-lo nessa esfera social? Se sim, como se faz o seu uso? Todas essas questões atrelam-se ao modo como é categorizado ecologicamente esse conceito e sua face material, isto é, como é categorizado o item léxico aqui posto em pauta.

Na sequência, produzem-se algumas considerações sobre o seu uso em uma pequena amostragem da rede textual da imprensa. Para localizar os usos, procedeu-se à busca por esse item no *Google*. Vale observar que foram identificados 1.610.000 registros dessa palavra. Diante de um número tão expressivo, foram-se selecionando as postagens referentes à esfera jornalística. Após identificadas essas postagens, procedeu-se à leitura integral do texto e foi se desenvolvendo paulatinamente o estudo cujos resultados serão a seguir expostos. Faz-se necessário observar que ficou decidido conservar a ortografia, a pontuação, a acentuação e a concordância das postagens constituintes do corpus estudado, mesmo quando havia equívocos em relação ao uso da escrita mais monitorada do português, assim como ficou resolvido manter os espaçamentos da digitação e a formatação das postagens, isto considerando a manutenção da originalidade do material textual coletado.

3.3. Dos usos do item léxico *xereca* na imprensa

Na Revista *Galileu*, afirma-se:

[...] grande parte das mulheres ainda é incapaz de nomear as estruturas que compõem seu sistema reprodutor [...] A maioria também prefere recorrer a apelidos quando precisa se referir a ela [...] “aquela cujo nome não se fala”, a vagina, possui “mais de 4 mil apelidos (des)conhecidos” (PATROCÍNIO, 2012, s.p.).

Sinônimos para vagina



Fonte: Revista Galileu.

Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/12/vagina-como-ela-e.html>

Assume-se, no texto, a existência da espécie de nome “normativo” - *vagina* - e de outros que seriam suas alcunhas, e ao mesmo tempo em que se registra esse nome da categoria da

biologia e mais especificamente da anatomia, surge a revelação de as mulheres preferirem fazer uso de cognomes. Mas, entre milhares de possibilidades, apresentam-se, tão somente, nove. Alguns são categorizados, em dadas situações, como *palavrões*, mas são registrados, nesse texto, porque o *frame*, que o emoldura, licencia a presença dessas palavras. Em meio a tantas possibilidades, *xereca* foi rememorada, o que demonstra seu incrustamento conceptual no domínio onomasiológico do português brasileiro; talvez, por isso, aí se registre esse africanismo imperiosamente.

3.4. Dos usos na imprensa e de usos em esferas sociais

Através de textos da esfera jornalística, tomou-se conhecimento de sua utilização em espaços oficiais. Assim, foi identificada a existência de um glossário do SUS (Sistema Único de Saúde), em que se apresentam centenas de termos que têm seus usos vetados no Sistema do Cartão Nacional de Saúde. Ao verificar o multimodal que acompanha o texto, identificou-se que *xereca* é o termo número 656, entre as palavras que devem ser silenciadas no espaço do SUS. Constata-se, assim, que, na esfera social da saúde pública, são expostas as palavras tidas como tabuísmos para depois silenciá-las:



Fonte: IG São Paulo. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2016-11-03/sus-lista-glossario-terminos-zoeira.html>

No texto, informa-se: “[...] o documento⁵ traz um verdadeiro ‘glossário’ de zoeiras, com 678 termos “proibidos” (IG, 2016, s.p.), constituído basicamente por termos da sexualidade. Quem escreve o texto não os categoriza como *palavrões*, mas como “termos com apelo sexual”⁶. O texto revela então o uso do item léxico *xereca* e dos outros 677 termos na esfera social da saúde, uma vez que a lista foi constituída por termos que, em algum momento, foram

5 O referido documento acha-se disponível no seguinte endereço: <http://datasus.saude.gov.br/images/standalone/REGRAS%20DE%20HIGIENIZA%C3%87%C3%83O%20E%20QUALIFICA%C3%87%C3%83O%20DE%20INFORMA%C3%87%C3%95ES%20DO%20CADASTRO%20NACIONAL%20DE%20USU%C3%81RIOS%20DO%20SUS.pdf> Acesso em 24.02.2017.

6 No texto, afirma-se: “[...] *palavrões* e dos já mencionados termos com apelo sexual [...]. A conjunção aditiva e agrega os termos de cunho sexual aos chamados *palavrões*.”

empregados por usuários do Sistema Único de Saúde. Além disso, demonstrou que *xereca* se encontra em sinonímia com *xana*, *xaninha*, *xibio*, *xota*, formando a rede onomasiológica da categoria órgão *sexual-genital feminino*.

Se por um lado, apresentaram-se, no vocabulário do SUS, esses termos para silenciá-los, por outro, ocorre o uso do item léxico *xereca* por crianças no espaço escolar, conforme demonstra outro texto da esfera jornalística, nomeadamente, a reportagem *Eles querem falar de sexo*, que expressa, como revela o seu próprio título, o fato de crianças sentirem, em algum momento, a necessidade de abordar a sexualidade, apesar da opressão da sexualidade infantil apontada por Foucault (2017). O texto foi escrito considerando uma questão feita por uma aluna à professora, em uma situação corriqueira de sala de aula (“Professora, por que a minha xereca pisca quando vejo um homem e uma mulher se beijando na televisão?”). Sobre a mencionada pergunta, escreve-se:

a pergunta, feita por uma aluna de 8 anos para a orientadora educacional Dilma Lucy de Freitas durante uma aula para a 3ª série de uma escola particular de Florianópolis, poderia provocar diversas reações na professora. Se ela mostrasse espanto e indignação, por exemplo, as crianças deduziriam que sentir essas coisas deve ser anormal. Se fingisse não ter escutado, os pequenos achariam que é melhor não falar sobre o corpo (e, mais tarde, sobre a sexualidade). Dilma respondeu que o corpo recebe estímulos: um cheiro gostoso de comida faz a gente sentir vontade de comer e um vento frio faz a pele se arrepiar. Do mesmo modo, algumas imagens (como o casal que se beija) estimulam os órgãos sexuais e por isso a vagina se contrai (“pisca”). A aluna, satisfeita com a informação, foi brincar. (GENTILE, s.d, s.p)

Aqui, vale pontuar o uso da sinonímia denotacional por parte da autora do texto que substitui *xereca*, usado pela criança, pelo termo *vagina*, usado na esfera da anatomia, conforme marca o dicionário Houaiss (2017), em contraposição ao uso mais familiar e informal daquele outro item léxico. Além disso, essa substituição feita pela autora do texto demonstra que tanto *vagina* quanto *xereca* são itens de nível básico, enquanto *órgão sexual* é unidade mais geral⁷.

Já em uma notícia, que se intitulada *Apelou!!! Isidório pega em “xereca”, fala de “sapatão” e envia recado para as mães*⁸. *Assista!*, fica expresso o seu uso, em um título de

7 Um fragmento deste mesmo texto foi postado, no site *fórum.cifraclub*. Afora as críticas feitas ao conteúdo do artigo publicado pela revista, por meio dos comentários, é possível observar como o item léxico *xereca* pode ser compreendido pelos conceptualizadores-categorizadores-leitores desse site: uma pessoa estranha o uso do termo e a outra o considera vulgar (“o legal é que ela já aprende o um nome vulgar do seu órgão desde criança... com 8 anos acho que ainda rolava os pipi, popo e pepeca (na minha época, claro). Disponível em: <http://forum.cifraclub.com.br/forum/11/216344/> Acesso em: 25.02.2017.

8 Disponível em: <http://www.suburbioonline.com/apelou-isidorio-pega-em-xereca-fala-de-sapatao-e-envia-recado-para-as-maes-assista/> Acesso em: 24.02.2017.

um texto jornalístico, embora seja este uso aspeado⁹. Além disso, no vídeo que o acompanha, o pastor e deputado Sargento Isidório¹⁰ e, na época da postagem, em 07.05.2016, candidato à prefeitura de Salvador, empregou tanto o item *xereca* quanto *xoxota*¹¹ ao se referir ao corpo de sua mãe, logo, observa-se que um filho pode livremente referir-se a uma parte do corpo materno com esse africanismo, sem maiores pudicísmos.

Os usos nos textos da esfera jornalística demonstram a fluidez do fenômeno da categorização. Assim, se, de um lado, o item léxico *xereca* foi escrito para ser proibido no SUS, de outro, na escola, esse teve espaço enunciativo garantido¹², ainda que o seu uso tenha motivado a escrita de um texto abordando a necessidade de assegurar o direito das crianças a terem sexualidade. Por outro lado, ainda, ficou demonstrado que o mesmo foi usado por um pastor-deputado-militar-candidato à prefeitura de uma grande cidade brasileira e que ele não deve categorizá-lo como um *palavrão* nem mesmo como um *tabuísmo*; afinal, usou-o em referência ao corpo de sua mãe¹³.

Se os textos da esfera jornalística demonstraram a fluidez da categorização do item léxico aqui posto em pauta, o que revelam os seus usos nas redes sociais *on-line*? Recorreu-se a essas redes, por considerar que os usos feitos nesses espaços virtuais, até certo ponto, possuem alguma liberdade, no âmbito linguístico.

3.5 Dos usos nas redes sociais

Recentemente, circulou nas redes sociais o fato da jovem atriz Bruna Marquezine aparecer, em um vídeo, cantando uma música com o item léxico *xereca*. O jogador Neymar Jr., estrela do Barcelona, também, está cantarolando o mesmo *funk* no vídeo. Mas, embora ele possua uma grande visibilidade no país, esse fato foi silenciado e, na legenda, no vídeo do *Youtube*, apenas, afirma-se que a atriz está cantando uma música com um *palavrão* e entre parênteses aparece *Xereca*. Afora questões ideológicas que envolvem a legenda do vídeo postado no *Youtube* - aqui interconectadas à metonímia BRUNA MARQUEZINE POR TODAS AS PESSOAS DO VÍDEO/PARTE PELO TODO - essa postagem demonstra pela 1ª vez no corpus o item em pauta como membro da categoria *palavrão*, funcionando como um membro mais específico dessa categoria. Vale observar que nem os dicionários consultados, em seus verbetes, fizeram menção

9 A entrada *aspa* é assim definida no dicionário Houaiss (2017): “sinal gráfico ger. alceado, que delimita uma citação, título de obra, denominação comercial etc., ou us. para realçar certas palavras ou expressões, sentidos figurados, gírias etc. [...]”. No caso o uso, deve ter sido feito para realçar o item *xereca*.

10 O pastor Isidoro gerou algumas polêmicas, quando concorreu à prefeitura da capital baiana.

11 Na fala de Isidório parece haver diferenças conceituais entre os itens *xereca* e *xoxota*, enquanto aquele se refere à parte externa do órgão sexual-genital da mulher, o segundo parece ter sido usado para se referir ao canal vaginal da mulher.

12 É preciso observar que, nem sempre, a escola garante espaço para falar da sexualidade humana, uma vez que, também nesse espaço, pode haver silenciamentos a respeito desta questão.

13 Observa-se, porém, que, nem sempre, Isidório comportou-se como o esperado de um pastor, como um deputado, ao longo da campanha para a prefeitura de Salvador.

direta à presença de *xereca* nessa categoria.

Jovens brasileiros cantando *funk*



Disponível em: www.youtube.com/watch?v=f_a0f-gG-m8 Acesso em: 28.02.2017.

Apesar da legenda remeter *xereca* à categoria *palavrão*, o item foi empregado na música como membro da categoria órgão da sexualidade, metonimicamente, focalizando o sexo e deixando como fundo o fato de, também, ser membro da categoria órgão genital:

Então tu pega o telefone, desbloqueia a tela
 Vai no seu contato e procura o número dela
 Pra ligar pra ela, pra ligar pra ela
 Hoje deu uma vontade de comer a xereca dela
 Pra ligar pra ela, pra ligar pra ela
 Hoje deu uma vontade de comer a xereca dela¹⁴

Vale observar que, afóra a música *Oh novinha*, de Mc Don Juan, - cantada pelos jovens Bruna Marquezine, Neymar Júnior e amigos -, na *internet*, circulam outros *funks* em que se emprega, também, esse item léxico como membro mais específico da categoria órgão sexual, a exemplo das composições *Xereca*, de Mc Loirinho, *Gruda Xereca na Pica*, de Mc GW, e de *Não existe xereca feia, feio é não comer xereca*, de Mc Orelha. O que revelariam esses usos? *Informalidade*? Aqui, não fazem, certamente, parte da categoria *tabuísmo*, pois são ditos livremente, sem constrangimentos. Então, em uma dada interação, um conceito-expressão pode ser lançado em determinada categoria, mas, em outra, pode ser remetido a uma categoria diferente.

Além de usos, a *internet* possibilita ter acesso a saberes elaborados pelos escreventes-conceitualizadores-categorizadores e o *Yahoo! Respostas* pode colaborar significativamente para a sistematização de parte desses saberes, conforme demonstrará a próxima seção deste artigo.

14 Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-don-juan/nao-abandona/> Acesso em: 28.02.2017.

3.6 O que escreventes-conceitualizadores-categorizadores sabem sobre o item léxico *xereca*: diálogo entre internautas¹⁵

O *Yahoo! Respostas* permite acessar parte da escrita de alguns escreventes-conceitualizadores-categorizadores sobre o item léxico aqui em destaque¹⁶, por isso, é válido consultá-lo, o que foi feito, a partir da busca pelo item léxico *xereca* e, levando em consideração, apenas, resultados acerca das relações linguageiras sobre o seu uso¹⁷.

Entre as perguntas constantes do *Yahoo! Respostas*, havia uma voltada para a sua etimologia: “De onde vem o nome *xereca*?”¹⁸. Como resposta, inicialmente, postou-se o poema *A criação da xoxota* de Mário Quintana, demonstrando a sinonímia denotacional entre *xereca* e *xoxota*; outra pessoa, por sua parte, assegura, em seu comentário, que esse item veio de *Xerecândia*, expressando que esse nome acha-se em plena vitalidade, de modo a interconectar-se a novas criações léxicas; em outra resposta, um internauta afirma importar pouco de onde vem esse nome, revelando que questões atinentes à origem de uma palavra nem sempre interessam às pessoas; já outro diz querer saber a sua origem, evidenciando o seu interesse pelo étimo desse item; por fim, outro internauta afirma, em sua resposta, não saber de onde veio esse nome, mas assevera que o referente é bom (“que é bão é bão”). Por meio dessa consulta ao *Yahoo! Respostas*, pôde-se identificar o uso de dois membros da rede onomasiológica órgão sexual-genital feminino, bem como pôde-se constatar a possibilidade de criação de novos itens léxicos por meio de novas perspetivações do domínio da experiência da sexualidade feminina.

No mesmo diapasão, mais uma pergunta constante do *Yahoo! Respostas* achava-se atrelada, de alguma forma, à origem desse nome: “Alguém aki saberia me dizer o porque do nome XERECA para o órgão sexual feminino?? *Xereca* vem de Cheiro?? no caso seria *xereca* por estar sempre com um xeirinho particular???”¹⁹. Aqui, percebe-se a imaginação humana agindo, a fim de compreender metonimicamente o que desconhece, no caso, a etimologia da palavra *xereca*. Esse uso revela como a língua não é constituída de partes desconexas, mas se encontra em plena relação com outras linguagens, outras modalidades do sentido, no caso

15 Lembra-se o fato de terem sido mantidos ortografia, pontuação, acentuação, concordância, digitação e espaçamentos como nas postagens originais, como anteriormente já informado, considerando a originalidade dos textos dos internautas.

16 Disponível em: https://br.answers.search.yahoo.com/search?fr=uh3_answers_vert_gs&type=2button&p=xereca. Acesso em: 22.02.2017.

17 As postagens que tratavam das relações sexuais humanas foram desconsideradas. Assim chamadas como “A minha *xereca* não para de coçar?”, “Quem já depilo a *xereca* toda com pinça vo fazer isso amanhã?”, de um modo geral, não foram consideradas, exceto se dessem pistas acerca do uso desse item léxico, em contrapartida “De onde vem o nome *xereca*”, “Alguém aki saberia me dizer o porque do nome *xereca* para o órgão sexual feminino??” passaram a constituir o corpus do estudo, cujos resultados são aqui apresentados.

18 Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C0OHqxY_hsAiyz6Qt.;_ylu=X3oDMTB y O H Z y b 2 1 t B G N v b G 8 D Y m Y x B H B v c w M x B H Z 0 a W Q D B H N I Y w N z c g --?qid=20070527084358AArBhMe. Acesso em: 22.02.2017.

19 Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C0OHqxY_hsAlyrz6Qt.;_ylu=X3oDMTB y M H Z O N G 9 y B G N v b G 8 D Y m Y x B H B v c w M 3 B H Z 0 a W Q D B H N I Y w N z c g --?qid=20070825075201AAFwPql. Acesso em: 22.02.2017.

quem foi que inventou isso mais pegou geral, quanto as crianças se elas ainda forem inocentes vão achar que Xereca é uma Banda de Pop/Rock. Abraços!” e 15) olá o órgão da mulher o vagina. é assim mesmo as pessoas ã falam mais vagina ou pênis. falam xereca bu.ce.ta etc. é mais fazer o que né os tempos mudou. e as pessoas perderam os respeito”.

Após o estudo das respostas dadas para a questão antes citada, observou-se que *xereca* se encontra em sinonímia denotacional com *boceta*, *vagina*, *xoxota*, *xana*, *perereca*, *perseguida*; que, também, é membro mais específico das categorias órgão sexual feminino, órgão e *parte íntima da mulher*, sendo concebido, ainda, como membro em outras categorias que seriam as das palavras *vulgares*, *populares* e *indecentes*. Além disso, alguém hiperbolicamente afirma que não se usa mais o item *vagina* em detrimento de *xereca* e de *boceta*.

Mais uma pergunta foi considerada para a elaboração do estudo empreendido, porque revela os membros da rede onomasiológica da qual faz parte esse item: “você tem pipi, ou xereca?”²¹, para qual foram postadas nove respostas, mas apenas um comentário foi levando em consideração: “1) xereca, xota, piriquita”²²; isto porque demonstra o fenômeno da sinonímia em funcionamento em um uso cotidiano.

Ainda possibilita conhecer aspectos concernentes à sinonímia a seguinte questão: “qual a diferença de xereca, prá *xoxot@?”²³ e as respostas foram sete, aqui, transcrevem-se quatro²⁴: 1) “nenhuma! abraços”; 2) “Nenhuma. É tudo vagina”; 3) “A diferença é só o nome. Refere-se à tokinha do pal”; 4) “Xereca é de baiana, xoxot@ é de funkeira. Bj”. Quando perspectivam apenas o referente, os falantes-escreventes tendem a não perceber diferenças entre os usos de *xereca* e *xoxota*, mas quando se pautam nos usos sociais começam a perceber distinções, como quando aventam que uma é usada na Bahia (*xereca* baiana) e outra no Rio (*xoxota* funkeira). Aqui, vale ressaltar, ainda, a metaftonímia²⁵ VAGINA É ESPAÇO PROFUNDO PARA CONTER PARTE DO SEU POSSUIDOR (“tokinha do pal”), estruturada pelo esquema imagético RECIPIENTE,

21 Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C0OHqxY_hsAmyrz6Qt;_ylu=X3oDMTBvYznU4cmNpBGNvbG8DYmYxBHBvcwM5BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20121004160023AAvsZql Acesso em 22.02.2017.

22 1) “Eu tenho um pipi, mas gostaria muito de ter uma xereca à minha disposição”; 2) “Sou Hermafrodita”; 3) “PERGUNTA PRA SUA MÃE”; 4) “TENHO UMA PICA ENORME E BRANCA NO SEU ***”; 5) “sua mae sabe!!!!!!!!!!!!”; 6) “anaconda”; 7) “eu tenho uma pika muito gostosa vc quer meu amor” e 8) “Seu a avatar é ridiculo sou um sexo indefinido lol!”. Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C0OHqxY_hsAmyrz6Qt;_ylu=X3oDMTBvYznU4cmNpBGNvbG8DYmYxBHBvcwM5BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20121004160023AAvsZql Acesso em: 22.02.2017.

23 Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C0OHqxY_hsAkyrz6Qt;_ylu=X3oDMTBvYznU4cmNpBGNvbG8DYmYxBHBvcwM1BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20150610133941AAAtR4fa Acesso em 22.02.2017.

24 Foram desconsideradas as seguintes respostas por não se relacionarem ao objeto de estudo: 1) “parece que xereca eh uma vagina fedida. e xo.xota é uma vagina peluda. é o que eu imagino qndof alam essas palavras kkkkkkkkk”; 2) “Imagem de XOXOT@ pode postar pq só tem interesse para homens” e 3) Vinicius Brasil/Membro desde: April 15, 2014/Pontos: Nível: 1/Total de respostas: 13/Pontos nesta semana:-38”. Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C0OHqxY_hsAkyrz6Qt;_ylu=X3oDMTBvYznU4cmNpBGNvbG8DYmYxBHBvcwM1BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20150610133941AAAtR4fa Acesso em: 22.02.2017.

25 Termo proposto por Goossens (2003) para se referir à interação entre os fenômenos metafórico e metonímico.

LIGAÇÃO e PARTE-TODO, além de LIGAÇÃO e ORIGEM-PERCURSO-META.

Os internautas, também, se preocupam com a sua descrição e normatização, é o que pode ser inferido em face da leitura da seguinte questão: “A palavra xereca esta no dicionário Aurélio? não ou sim?????????????????????”²⁶. As respostas dadas foram: 1) “SIME TAMBEM NO MEIO DAS PERNAS DAS MULHERES HEHEHEHEHE”; 2) “eu acho que não! Por favor, aproveitando a ocasião, me responda essa pergunta, mas tem que ler ela toda, inclusive os detalhes adicionais que trazem mais informação!”. Enquanto um responde à questão proposta de modo afirmativo, outro responde-a negativamente. Vale destacar que essa postagem deu margem a uma espécie de escárnio por parte do leitor que deu a primeira resposta.

Outra pergunta lançada no *Yahoo! Respostas* foi: “o que você acha do nome xereca? Bonito? Feio? Vulgar? Decente? Indecente? Uma criança poderia usar esse nome para referir-se ao seu órgão genital?”²⁷. Foram-lhe dadas doze respostas, dessas, transcrevem-se dez²⁸: 1) “Xereca, para a intimidade de uma casal seria possível, porem para uma criança não, ensine com os nomes que recebem de fato”; 2) “Normal. Vulv@, Vagin@, Genitáli@ voce acha melhor?”; 3)

Na primeira e segunda infância são usados termos descritivos, amenos e no diminutivo, comumente referindo-se a pequenos animais. Depois serão usados os termos da anatomia e os palavrões para efeito didático. Como os últimos tem o potencial de ofender e insuflar valores morais devem ser tratados com extrema cautela. “Xereca” é um caso típico.

4) “Indecente”; 5) “para uma criança é bom que use um termo mais suave tipo “perereca””; 6) “É vulgar. Bem vulgar. Não fica legal uma criança usar essa denominação. Criança tem que falar um nome mais delicado, menos agressivo”; 7) feio, vulgar, indecente; 8)

Xereca? Nunca ouvi falar neste nome, mas eu acho que seria Vulgar! Uma pessoa Maliciosa poderia simplesmente pensar que estivesse se referindo ao órgão genital da Mulher! Uma criança...? As crianças são muito inocentes, mas eu acho que não, só se alguém ensinasse isso a ela!

9) “Vulgar” e 10) “feio que dói!!!”.

De um lado, *xereca* é vista como palavra usada na intimidade, mas, ao mesmo tempo, apesar de ser usado em uma situação íntima, tem a capacidade de insultar, de agredir; é, para alguns, indecorosa, feia e inadequada para crianças. Mas, por outro lado, há quem a considere

26 Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1CkWRbNYehIAZFH6Qt;_ylu=X3oDMTBBybGY3bmpvBGNvbG8DYmYxBHBvcwMyBHZ0aWQDBHNlYwNzcg--?qid=20090518051308AA1Rpqj Acesso em: 26.02.2017.

27 Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C0OHqxY_hsAjyzz6Qt;_ylu=X3oDMTBByNXM5bzY5BGNvbG8DYmYxBHBvcwMzBHZ0aWQDBHNlYwNzcg--?qid=20130517151051AAXq81Y Acesso em: 22.02.2017.

28 Duas respostas foram desconsideradas, porque não respondiam à questão, a saber: 1) “pimenta nado outro é fresco”; 2) Pau na sua XERECA, GALINHA...”. Disponível em: br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C0OHqxY_hsAjyzz6Qt;_ylu=X3oDMTBByNXM5bzY5BGNvbG8DYmYxBHBvcwMzBHZ0aWQDBHNlYwNzcg--?qid=20130517151051AAXq81Y Acesso em: 22.02.2017.

palavra que eu não posso falar.”; 9) “essa palavra já foi moda?”; 10) “Nunca esteve na moda!”. No caso em tela, percebe-se que os internautas têm conhecimento acerca da variação temporal e espacial, bem como se nota que algumas pessoas desconhecem essa palavra, o que demonstra, também, a fluidez da rede onomasiológica, uma vez que, para essas pessoas, a sinonímia entre *vagina* e *xereca*, por exemplo, não acontece.

Por fim, considerando a pergunta: “Como é a sua xereca? capô de fusca, aquelas pequeninas, aberta, greluda”³², pôde-se fazer uma reflexão sobre a categoria órgãos sexuais-genitais femininos, já que essa indagação possibilitou saber que *xereca* pode funcionar como elemento mais geral de uma categoria, a partir da relação metonímica TODO PELA PARTE, demonstrando a fluidez das categorias e o fato de elas emergirem da experiência ecológica da interação humana. Afinal, em outras postagens, *xereca* era um membro mais específico, em relação à órgão sexual-genital.

4. Outros usos: novas perspectivas

Nas postagens do site *Yahoo! Respostas*, foram identificados dois itens léxicos neológicos: *Xerecândia* e *xerecuda*. O primeiro é um item onomástico - provavelmente com um uso bastante efêmero³³, característico da modernidade líquida, conforme postula Bauman (2000) - e o segundo é uma nova construção que, talvez, encontre maior possibilidade de adoção e propagação³⁴. Embora ainda não se encontre em dicionários como o Houaiss (2017), a consulta ao *Google* revela 402.000 resultados em 0.25 segundos³⁵ para *xerecuda*.

Ademais, com a consulta à esfera jornalística realizada, foi localizado, através do texto *Indeferiram a candidatura da Xereca! Que maldade!*, que uma senhora candidatou-se à vereadora de Mongaguá, pelo Pv, na coligação Prp - Pc do B, usando a alcunha *Xereca*, logo, localizou-se um neologismo semântico, em que a expressão *Xereca* interconecta-se a um uso antroponímico. Ao nomear-se dessa maneira, a conceptualizadora utilizou-se de uma metonímia ÓRGÃO SEXUAL- GENITAL FEMININO POR PESSOA/PARTE PELO TODO, gerando uma nova compreensão do seu uso e, com isso, procedeu a uma nova recategorização, de modo que, nessa notícia, *Xereca* acha-se como membro da categoria dos *antropônimos*. Salienta-se, porém, que, embora tenha conhecido essa recategorização, esse item léxico, ainda, é percebido como um uso *chulo* e, por isso mesmo, motivou a facção da notícia, troçando da situação e ironizando a candidata (*Indeferiram a candidatura da Xereca! Que maldade!*).

Ainda na esfera da categoria da *onomástica*, identificou-se, na rede social *Facebook*, a

32 Vale observar que as respostas foram: “dois pontos né?” e “melhor que da sua mãe”. Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20091101101316AAvtsx6> Acesso em 22.02.2017.

33 No *Google*, não foi localizado usos de *Xerecândia*, embora tenha sido identificado o onomato *Xerecolândica*.

34 Já a produção de funk em que esse item do léxico é utilizado: MC Lan - XERECUDA (Lan RW) Lançamento 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XjwvDf8NIzw> Acesso em: 06.03.2017.

35 Consulta realizada em 06.03.2017.

existência da página *Xereca*; nesse caso, ocorreu uma reconceptualização diferente daquela antes citada, ainda que resulte na mesma categorização, isto é, *Xereca* acaba sendo lançada na categoria geral dos itens onomásticos. Mas se na notícia o uso da alcunha foi motivo para chufa, agora, o seu emprego se deu como um modo de empoderar as mulheres e o feminismo interseccional, conforme afirma-se na própria página³⁶. Subjaz a esse uso léxico onomástico a metonímia ÓRGÃO GENITAL-SEXUAL FEMININO POR PÁGINA FEMINISTA DE REDE SOCIAL/MULHERES, PRODUTORAS DA PÁGINA POR SEUS ÓRGÃOS SEXUAIS-GENITAIS e ainda MODERADORA DE PÁGINA POR ÓRGÃO GENITAL-SEXUAL FEMININO.

Página Xereca



Disponível em: <https://www.facebook.com/xerecaxereca/?fref=ts>

Seria preciso focalizar, ainda, a multimodalidade da página, mas esse enfoque ampliaria a discussão para além do espaço da apresentação preliminar deste estudo; então, essa abordagem será exposta em outra oportunidade.

Considerações finais

De um lado, o africanismo *xereca* pode fazer parte, junto com o latino *vagina* e outros itens léxicos, da categoria *tabuísmo*, e, ainda, pode se encontrar entre os membros das categorias das *palavras informais, familiares e populares*, podendo, até mesmo, ser considerado um elemento da categoria *palavrão*, o que não parece ocorrer com outros itens provenientes do latim, como *vagina*, já anteriormente citado. Por outro lado, a compreensão do item *xereca* como elemento que pode fazer parte da categoria das *palavras informais e familiares*, talvez, se atrele à sua vitalidade e às novas perspetivações metafóricas e metonímicas que têm surgido no cotidiano das sociedades brasileiras, gerando construções neológicas, ainda que efêmeras, conforme a ideologia da modernidade líquida dos nossos tempos.

Por fim, deve-se pontuar que, com a realização deste estudo, constatou-se que não há

³⁶ Na página, informa-se: “xereca é uma página feminista interseccional! ♥♥♥” e, no histórico, comenta-se: “essa página tem como foco o empoderamento feminino e fortalecimento do movimento feminista interseccional”. Disponível em: Disponível em: <https://www.facebook.com/xerecaxereca/?fref=ts> Acesso em: 25.02.2015.

como compreender cognição sem interação, uma vez que os usos emergem das interações entre distintos elementos constituintes da ecologia humana na ecologia do mundo, bem como verificou-se que o cognitivo, o geográfico, o histórico, o social, o individual, o ideológico, o cultural são dimensões que se acham em interconexão no fenômeno da categorização humana e, ainda, que cada categorização nova é uma emergência de uma interação e que o todo integrado de uma rede onomasiológica não é uma simples coleção de partes dissociadas.

Referências

Apelou!!! Isidoro pega em “xereca”, fala de “sapatão” e envia recado para as mães. Assista!. Disponível em: < <http://www.suburbioonline.com/apelou-isidorio-pega-em-xereca-fala-de-sapatao-e-envia-recado-para-as-maes-assista/>>. Acesso em: 24.02.2017.

AULETE DIGITAL. Dicionário on-line. Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 27.02.2017.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASTRO, Y.P. de. Das línguas africanas ao português brasileiro. *Afro-Ásia*, (UFBA), Salvador, v. 14, p. 81-101, 1983.

CASTRO, Y. P. de. Dimensão dos Aportes Africanos no Brasil. *Afro-Asia*,(UFBA), Salvador, v. 16, p. 24-35, 1995.

CASTRO, Y. P. de. *A influência das línguas africanas no português brasileiro*. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salvador (Org.). Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

DUVIVIER, G. “Sobre o vasto léxico referente aos órgãos reprodutores e suas nuances”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 fev. 2017. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivier/2017/02/1860219-sobre-o-vasto-lexico-referente-aos-orgaos-reprodutores-e-suas-nuances.shtml>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.

GENTILE, P. (s.d.). “Eles querem falar de sexo.”. *Revista Nova Escola*, 01 abril 2006 Disponível em: <<http://acervo.novaescola.org.br/formacao/eles-querem-falar-sexo-431419.shtml>> Acesso em: 24 de fevereiro de 2017.

GEERAERTS , D.; GRONDELAERS, S.; BAKEMA, P.. *The Structure of Lexical Variation*.

Meaning, Naming, and Context, Berlin, Mouton de Gruyter, 1994.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (eds.). *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 349-377, 2003.

HOUAISS. Dicionário on-line. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#0>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2017.

Indeferiram a candidatura da Xereca! Que maldade!. Jornal O EXpresso, 12 de setembro de 2016. Disponível em: < <https://jornaloexpresso.wordpress.com/2016/09/12/indeferiram-a-candidatura-da-xereca-que-maldade/>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2017.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001. Original publicado em 1984.

MICHAËLIS ON-LINE. Dicionário on-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

MONDADA, L. Processus de catégorisations et construction discursive des catégories. In: Dubois, D. (Org.). *Catégorisation et cognition: de la nova perception au discours*. Paris: Kimé, p. 291-313, 1997.

MONDADA, L. Pour un approche de activités de catégorisation. In: Gajo, L. *Interactions et acquisition en contexte*. Freiburg: Editions Universitaires, p. 99-127. 2000.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009. Original publicado em 1999.

PATROCÍNIO, C. A vagina como ela é. *Revista Galileu*, 29 dez 2015. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/12/vagina-como-ela-e.html>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2017.

PETTER, M. O léxico compartilhado pelo português angolano, brasileiro e moçambicano. *Veredas-Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. Porto Alegre: Evangraf, Universidade de Coimbra, v. 9, 2008.

ROSCH, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Erlbaum. Reprinted in: Margolis, E. and Laurence, S. (Eds.). *Concepts: Core readings*. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas*, UFJF - JUIZ DE FORA, v. 1, n.1, p. 23-29, 1997.

_____. *Entrevista com Maria Margarida Martins Salomão sobre a linguística cognitiva e suas relações com outras ciências*. Entrevista concedida a Maria Jussara Abraçado Almeida. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 41, p. 15-25, 2011.

SILVA, A. S. da. O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigos íntimos? Alexandra FIÉIS & Antónia COUTINHO (eds.), *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 511-525, 2009.

_____. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade, *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição*, 41: 27 - 53, 2010.

_____. Léxico, cognição e contexto Saliência, conceptualização situada e evidência quantitativa. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos.; SOLEDADE, Juliana. *Saberes lexicais*. Salvador: EDUFBA, 2015

SUS cria ‘glossário’ para evitar zoeiras em cadastros e vira piada na internet. *Último Segundo, IG*, São Paulo, 03 nov 2016. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2016-11-03/sus-lista-glossario-termos-zoeira.html>>. Acesso em: 24.02.2017.